



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Geografia

Departamento de Turismo

Nathália Mayume Maeda

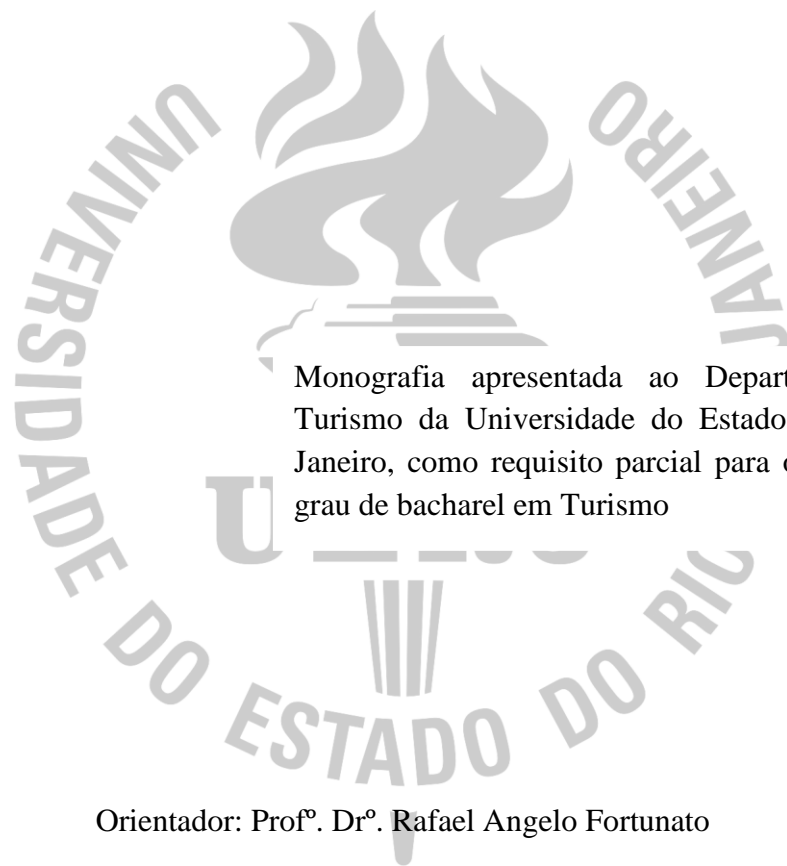
**Turismo Rural e o Planejamento com base no Turismo Solidário em Santa
Rita – Teresópolis-RJ**

Teresópolis

2017

Nathália Mayume Maeda

**Turismo Rural e o Planejamento com base no Turismo Solidário em Santa Rita –
Teresópolis-RJ**



Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo

Orientador: Prof. Dr. Rafael Angelo Fortunato

Teresópolis

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CTC-T

M184 Maeda, Nathália Mayume.
Turismo rural e o planejamento com base no turismo
solidário em Santa Rita - Teresópolis (RJ) / Nathália Mayume
Maeda. – 2017.
57 f. : il.

Orientador: Rafael Ângelo Fortunato.

Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo.

1. Turismo rural – Teresópolis (RJ) - Monografias. 2.
Comunidade – Desenvolvimento - Monografias. 3.
Desenvolvimento regional – Monografias. 4. Turismo –
Planejamento. I. Título. II. Fortunato, Rafael Ângelo. III.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento de
Turismo.

CDU 379.845(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Nathália Mayume Maeda

**Turismo Rural e o Planejamento com base no Turismo Solidário em Santa Rita –
Teresópolis-RJ**

Monografia apresentada ao Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Turismo

Aprovada em 16 de Agosto de 2017.

Banca Examinadora:

Prof.º. Dr.º Rafael Ângelo Fortunato (Orientador)
Departamento de Turismo - UERJ

Prof.ª. Dr.ª. Marcela do Nascimento Padilha
Departamento de Turismo - UERJ

Prof.º. Dr.º. Marcos Felipe de Brum Lopes
MCBC, IBRAM/MinC

Teresópolis
2017

DEDICATÓRIA

As viagens, que são a melhor maneira de resgatar a humanidade dos lugares e salvá-los da abstração e da ideologia.

-Pico Iyer, "Why we travel"

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que de alguma maneira cruzaram minha passagem e humanizaram a vida na Terra.

Aos que me ajudaram a escrever e aos que estão lendo, a todos uma gratidão singular.

“É preciso recomeçar a viagem. Sempre.”

-José Saramago

RESUMO

MAEDA, Nathália Mayume. **Turismo Rural e o Planejamento com base no Turismo Solidário em Santa Rita – Teresópolis-RJ.** 2017 56f. Monografia (Graduação em Turismo) – Departamento de Turismo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Teresópolis, 2017.

O Turismo Rural tem se expandido cada vez mais no Brasil, complementando e gerando renda para a agricultura familiar. por outro lado o Turismo Solidário surge assumindo características contrárias ao convencional turismo e podendo ser relevante para o planejamento e desenvolvimento do turismo. Diante disso retratamos através de estudos realizados em campo no distrito de Santa Rita no município de Teresópolis-RJ, possibilidades de planejar o turismo rural com base no turismo solidário, fomentando um turismo mais humanitário que possui um olhar redirecionado ao outro, sem que os locais precisem de cenários com padrões impecáveis para se tornarem atrações ou roteiros de turismo.

Palavras-chave: Turismo solidário. Turismo rural. Planejamento. Santa Rita. Teresópolis

ABSTRACT

MAEDA, Nathália Mayume. **Turismo Rural e o Planejamento com base no Turismo Solidário em Santa Rita – Teresópolis-RJ.** 2017 56f. Monografia (Graduação em Turismo) – Departamento de Turismo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Teresópolis, 2017.

Rural Tourism has expanded more and more in Brazil, complementing and generating income for family agriculture, on the other hand, Solidarity Tourism emerges assuming characteristics contrary to conventional tourism and may in fact be relevant to the planning and development of tourism. With this in mind, we have described through field studies in the district of Santa Rita in Teresópolis-RJ the possibility of planning rural tourism based on solidarity tourism, fomenting a more humane tourism that has a redirected look to the other without the need for clean scenery to become tourist attractions or itineraries.

Keywords: Rural Tourism. Solidarity Tourism. Planning. .Santa Rita. Teresópolis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Quadro diferença entre propriedades patronais e familiares.....	15
Figura 2: Fluxograma 6V's Turismo Solidário	20
Figura 3: Método proposto	23
Figura 4: Facilitando a compreensão.....	25
Figura 5: Relatório sobre colônia Alpina	26
Figura 6: Localização Santa Rita.....	27
Figura 7: Processo cronológico de planejamento e realização de ações	28
Figura 8: Plantio de mudas nativas no sítio Boaventura	29
Figura 9: Rancho Cria da Terra	30
Figura 10: Cozinhando almoço comunitário no Rancho Cria da Terra.....	31
Figura 11: Divulgação do Roteiro	32
Figura 12: Recreação Ambiental – Abrace uma Árvore	32
Figura 13: Feira Agroecológica de Teresópolis - Turista e produtor de Santa Rita.....	33
Figura 14: Café da manhã no sítio Boaventura	34
Figura 15: Capela de Santa Rita	36
Figura 16: Mapa Santa Rita	37
Figura 17: Mapa Santa Rita – mapeamento participativo	38
Figura 18: Roda de conversas.....	39
Figura 19: Mapa Santa Rita enquadrado por um morador	40
Figura 20: Curso de formação	42
Figura 21: Conhecendo a maquete.	43
Figura 22: Plantio agrofloresta	45
Figura 23: Quadro turismo convencional X turismo solidário	46
Figura 20: Vivências com alunos - curso de turismo pedagógico.....	48
Figura 21: Fundo Solidário.....	50

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

FAO	Food and Angriculture Organization
FITS	Foro Internacional de Turismo Solidário
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
PANCS	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PARNASO	Parque Nacional da Serra dos Órgãos
PNMMT	Parque Natural Municipal Montanhas de Teresópolis
TER	Turismo no Espaço Rural
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. TURISMO RURAL, AGRICULTURA FAMILIAR E PLURIATIVIDADE.....	13
1.1 Turismo rural.....	13
1.2 Agricultura familiar	14
1.3 Pluriatividade rural para minimizar problemas	17
2. TURISMO SOLIDÁRIO	19
2.1 Conceitos	19
2.2 Apropriação dos 6 V's do turismo solidário	21
2.3 Os 6 V's para planejar	23
3. O TURISMO RURAL COM BASE NO TURISMO SOLIDÁRIO EM SANTA RITA	26
3.1 Um pouco da história e localização	26
3.2 Primeiras atividades para o estudo do meio rural em Santa Rita	28
3.3 Processo de mapeamento	35
3.4 Informando, desenvolvendo e atuando.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	52
ANEXO A – Mapa Santa Rita.....	56
ANEXO B – Formato do Curso	57

INTRODUÇÃO

O interesse por áreas rurais sempre pareceu presente na sociedade tanto para produção de alimentos quanto para apreciação estética. Atualmente com o processo de globalização e vida na cidade nota-se que esse interesse tem se intensificado, como uma busca de “volta ao campo”. Devido a isso decidimos estudar Santa Rita – Teresópolis-RJ.

Santa Rita foi uma das regiões mais afetadas pela tragédia de 2011¹ e desde então vem passando por um processo de transformação. Segundo os moradores as terras estão mais férteis e com a criação do Parque Natural Municipal Montanhas de Teresópolis (PNMMT) em 2009, que tem sua sede localizada em Santa Rita, o turismo rural passou a ser mais uma opção para o complemento de renda dos moradores.

O turismo rural é uma importante ferramenta para o desenvolvimento e auxílio na economia de produtores familiares. Segundo Trigueiro e Nascimento (2007) “em 2005 cerca de 500 mil empregos diretos e indiretos foram gerados na área, com um faturamento próximo de R\$2,5 bilhões”. É notável, portanto, a importância que esse segmento vem ganhando na área do turismo capaz de gerar ainda mais oportunidades, mas também ameaças, afinal a atividade do turismo pode se potencializar, aumentando a especulação imobiliária sobre os lugares e produtores rurais podem acabar deixando de lado a produção como atividade principal e passar a viver apenas do turismo que mais tarde pode se tornar uma atividade em decadência. Diante disso um processo de planejamento se torna realmente importante. E é isso que estamos propondo para Santa Rita em conjunto com a população que trabalha com agricultura familiar.

Para isso utilizamos como filosofia de trabalho o turismo solidário, que se coloca como uma alternativa de planejamento diferenciada. Para Fortunato (2011) ““o outro” é o diferencial, o outro é o que mais importa”. Nesse contexto é possível trabalhar o turismo com outras estratégias. O objetivo, portanto é mostrar como um profissional do turismo pode atuar usando essa ferramenta para um planejamento.

A pesquisa e aplicação dessa filosofia foi realizada em campo com caráter exploratório e descritivo. Para coleta de dados trabalhamos com observação participante, conhecendo os locais, realizando as atividades junto com os turistas, participando dos grupos como turista e percorrendo os mesmos caminhos. Além disso, utilizamos um questionário semiestruturado, partindo dos seguintes norteadores: gostaria de trabalhar com turismo, o que você entende

¹Em 2011 a região serrana do estado do Rio de Janeiro sofreu uma tragédia climática, com fortes chuvas que causaram enchentes e deslizamentos deixando toda a região em estado de calamidade pública.

como turismo solidário, o que acha do turismo, o que motivou essa viagem e o que está achando. Gerando resultados que serão expressados a partir das falas dos visitantes e dos visitados ao decorrer dos capítulos.

O estudo está dividido em três capítulos que pretendem retratar como é possível aplicar a filosofia do turismo solidário para um planejamento no turismo rural em Santa Rita e como essa filosofia pode colocar em voga um turismo pensado no outro minimizando impactos que podem ser gerados com a atividade.

No primeiro capítulo contextualizamos o turismo rural, pontuando a importância da pluriatividade rural. No segundo capítulo trabalhamos com o turismo solidário, conceituando-o e nos apropriando a teoria dos 6V's do turismo solidário. No terceiro capítulo apresentamos o turismo solidário no espaço rural de Santa Rita, localização, história, mapeamento e desenvolvimento. As ações realizadas no local estão divididas em três partes que aparecem ao longo do trabalho de maneira cronológica.

Concluimos analisando os 6V's do turismo solidário como uma metodologia de planejamento avaliando o processo que iniciamos em Santa Rita e como essa filosofia pode ser uma alternativa para alavancar o turismo como uma atividade mais humanitária e capaz de garantir um complemento de renda para população local.

1. TURISMO RURAL, AGRICULTURA FAMILIAR E PLURIATIVIDADE

1.1 Turismo Rural

O meio rural vem passando por diversas transformações, inicialmente alteramos bruscamente o processo de produção, a industrialização tomou conta dos espaços rurais que acabaram se tornando um grande negócio, o Brasil é hoje um dos maiores exportadores de produtos agrícolas, entretanto é possível dizer que o agricultor familiar é ainda quem alimenta a população brasileira, e como que num processo de “retorno”, a sociedade tem se preocupado cada vez mais com a importância do meio ambiente, do meio rural e desses agricultores, que começam também a notar novas maneiras de trabalho que perpassam pela agricultura tais como: turismo, produção orgânica, agroecologia, agrofloresta.

No Brasil existem alguns relatos de que o turismo rural já acontecia desde a década de 1970, onde fazendeiros já hospedavam com frequência pessoas, mas foi em 1984 devido às dificuldades do setor agropecuário que o turismo rural de maneira organizada começou a acontecer com a Serratur Empreendimentos e Promoções Turísticas S.A – um órgão oficial de turismo no município de Lages (SC) – (NOVAIS, 1994), e assim também passou a ser considerada uma atividade econômica que desde então vem crescendo no Brasil.

Por ser uma atividade em expansão no país, o turismo rural ainda vem se descobrindo como conceito e qual pode ser realmente o seu “modelo” de atuação nesse segmento. Graça (2001) relata que a filosofia do TER (Turismo no Espaço Rural) inspirou-se no modelo francês bem expresso no *Manifeste de Tourisme en Espace Rural*, publicado em 1972. Esse manifesto preconizava a complementariedade entre a agricultura, o turismo e o artesanato; a necessidade de contribuir para a proteção do ambiente e para a conservação do patrimônio histórico, arquitetônico e cultural; a promoção da cooperação de base local; a animação local assentada na autenticidade rural e a comercialização de produtos específicos sujeitos a imagem da marca.

O Ministério do Turismo brasileiro (2010) conceitua o “Turismo Rural como o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”. Notamos nas duas citações a preocupação em conservar e resgatar patrimônio e em criar produtos como o turismo dentro do espaço rural. Diante dessa similaridade em conceituar esse segmento, podemos constatar a influência europeia nos nossos moldes de fazer turismo rural no Brasil.

Porém segundo Rodrigues (2001):

É necessário uma grande reflexão a respeito de conceituar o turismo sobre os moldes europeus, pois resulta em grandes equívocos por se tratar de realidades tão diferentes e complexas; sugere, portanto dois grandes grupos para classificar o turismo rural no Brasil:

-Turismo Rural Tradicional (de origem agrícola, de colonização europeia).

-Turismo Rural Contemporâneo (hotéis-fazenda, pousadas rurais, segunda residência campestre -chácaras de veraneio- e campings rurais).

Para Boullón (1993) “o turismo rural é uma das variantes do turismo na natureza assim como o turismo na natureza pode estar vinculado ao turismo ecológico”, e é bem verdade que no Brasil ruralidade e natureza estão na maioria das vezes híbridos. É ainda importante ressaltar a diferença entre turismo rural, que está atrelado a atividades no ambiente rural “real” ou tradicional como citado por Rodrigues (2001); e turismo no espaço rural que acontece em “cenários” como é o exemplo de hotéis fazenda. No entanto, o turismo rural no Brasil não está livre de problemas como apontam Mendonça (2002) e Marafon (2006) trazendo para discussão a falta de planejamento e gestão, baixa capacidade econômica da população e dificuldade de acesso a informações, fazendo com que muitas das vezes esse segmento do turismo não se perpetue ou até mesmo passe a ser uma atividade principal, sendo deixada de lado a agricultura, então se faz necessário uma capacitação e estímulos políticos para desenvolver esse segmento do turismo.

Podemos concluir, portanto, que ainda é necessário mais reflexões ao conceito de turismo rural no Brasil, pois ainda em processo de desenvolvimento, essa atividade em um país geograficamente grande e com histórias e ciclos tão distintos, talvez não possamos um dia conceituar o turismo rural de uma só maneira e talvez a proposta de turismo solidário possa ser o grande pano de fundo para o processo do planejamento da atividade atrelado a agricultura familiar.

1.2 Agricultura Familiar

O termo agricultura familiar surge ampliando o entendimento de outras nomenclaturas utilizadas para definir o homem do campo, o termo basicamente se opõe a agricultura patronal que Veiga (2001) conceituou e definiu com características organizacionais conforme Figura 1:

Figura 1: Quadro diferença entre propriedades patronais e familiares.

Patronal	Familiar
<ul style="list-style-type: none"> • Completa separação entre gestão e trabalho. • Organização centralizada. • Ênfase na especialização. • Ênfase nas práticas padronizáveis. • Predomínio do trabalho assalariado. • Tecnologias dirigidas à eliminação das decisões “de terreno” e “de momento”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho e gestão intimamente relacionados. • Direção do processo produtivo diretamente assegurada pelos proprietários ou arrendatários. • Ênfase na diversificação. • Ênfase na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida. • Trabalho assalariado complementar. • Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo

Fonte: Veiga, 2001

Entende-se então que agricultura familiar é caracterizada por locais em que a gestão e o trabalho estão ligados de forma íntima, o meio de produção pertence à família e o trabalho também é realizado por eles, diferente da agricultura patronal que é gerida como uma empresa de caráter mais formal, com patrão e subordinados.

Ainda, previsto na Lei 11.326, aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente da República em 24 de julho de 2006.

“[...] agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família” (Brasil, 2006). Tendo em conta o atendimento de tais requisitos, inclui ainda “[...] silvicultores que cultivem florestas nativas ou exóticas e que promovam o manejo sustentável daqueles ambientes; [...] 15 aquícultores que explorem reservatórios hídricos com superfície total de até 2 ha (dois hectares) ou ocupem até 500m³ (quinhentos metros cúbicos) de água, quando a exploração se efetivar em tanques-rede; [...] extrativistas pescadores que exerçam essa atividade artesanalmente no meio rural, excluídos os garimpeiros e faiscaidores. (BRASIL, 2006)

Conclui-se, então, que a agricultura familiar engloba todos aqueles agricultores cujos meios de produção pertencem à família. E são esses pequenos, porém numerosos, agricultores que garantem o alimento na mesa da população brasileira.

Uma dessas contribuições da agricultura familiar, pontuada hoje como uma função a ser valorizada, diz respeito ao seu papel original de garantir a segurança alimentar. Essa função deve ser observada por duas dimensões. A primeira diz respeito à

produção agrícola em si, à capacidade de fornecer volumes de alimentos ao mercado. A outra se refere à capacidade de possibilitar o acesso aos alimentos (ALTAFIN, 2007).

Devido a isso a agricultura familiar gera empregos. Enquanto “estabelecimentos patronais precisam de, em média, 67 hectares para gerar um posto de trabalho, os familiares precisam de apenas oito hectares” (INCRA/FAO, 2000). Possui também como função a preservação ambiental que, para Altafin (2007), apesar de causar sim algum tipo de impacto é considerado ainda bem menor aos dos grandes agricultores patronais, além de que o cuidado com o meio ambiente está enraizado com o agricultor familiar que entende a natureza como um patrimônio familiar. Esse agricultor acaba atuando também como um difusor sócio-cultural, que articula com o meio urbano levando produtos frescos produzidos muitas das vezes sem agrotóxicos, livres processos industriais e um contato maior com a natureza que é hoje o que a sociedade urbana tem buscado. Dessa forma, diante de tais atuações a agricultura familiar se tornou um termo de extrema relevância para fazer menção ao que é o desenvolvimento rural.

Essa proposta tem atraído jovens e fortalecido a agricultura orgânica que contribui com agricultura familiar e com zonas de amortecimento, "entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade" (Lei nº 9.985/2000), afinal o modo de produção orgânica realmente minimiza alguns desses impactos.

O desenvolvimento de um país depende de como ele lida com o uso da terra. Estimular a agricultura familiar de alta tecnologia, beneficiando os produtos com base na tradição e na cultura local seriam estratégias, assim como fazem alguns países europeus, como a Holanda que fomentou a tradicional produção do queijo para alavancar e aprimorar o desenvolvimento tornando o queijo holandês internacionalmente conhecido.

Políticas sérias de pertencimento ao campo são necessárias para amenizar problemas de “superlotação” das grandes cidades. O neo-rural coloca em voga questões como essas, é inegável que há um número, mesmo que ainda pequeno, de pessoas que deixam a vida das grandes cidades em troca da vida no meio rural ou que optam por uma vida no campo após se especializarem muito nas grandes cidades, para Giuliani (1990) “o neo-ruralismo estende a esfera da individualidade a uma vasta gama de atividades que não têm necessariamente objetivos econômicos prioritários e cuja finalidade pode ser simplesmente uma prática prazerosa”, fatores como esses somam para um “novo-rural” brasileiro que visa também a pluriatividade.

1.3 Pluriatividade rural para minimizar os problemas

O termo pluriatividade rural passa a ser mais utilizado no Brasil entre o final dos anos 1990 ao início dos anos 2000 como uma estratégia política e de desenvolvimento, agregando aqueles que antes fossem talvez mal vistos como pequenos agricultores, ou agricultores apenas em parte do tempo. É um termo novo que, no entanto, explica um conceito de trabalho já existente há muito tempo (SCNHEIDER, 2003).

A pluriatividade se conceitua no sentido do agricultor ter mais de uma fonte de renda oriunda de uma atividade não agrícola. Para Mattei (2007) “o fundamental na pluriatividade é que a pessoa exerça uma outra atividade, além de sua ocupação principal”.

Essa forma de organização do trabalho familiar vem sendo denominada pluriatividade e refere-se a situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra, e cada vez menos executadas dentro da unidade de produção (SCNHEIDER, 2003).

Ou seja, além da ocupação com a produção agrícola o produtor que possui como trabalho outra atividade qualquer que gere renda está incluído nesse conceito de pluriatividade. Logo, a pluriatividade rural pode ser definida como outros trabalhos não agrícolas realizados no espaço rural para agregar renda aos agricultores.

Juntamente com a agricultura familiar, a pluriatividade rural surge assumindo essa abordagem mais dinâmica de trabalho, voltada também para as rendas das famílias e buscando um desenvolvimento para o espaço rural. Scheineder (2006) diz que essa pluriatividade rural “é parte integrante de uma estratégia de desenvolvimento rural que visa fortalecer as formas de produção social e econômica dessas famílias”. Marafon (2006) faz também uma alusão ao tema dizendo que “esse fenômeno denominado pluriatividade, o qual se expandiu, entre outros fatores, pela revalorização do mundo rural”. A pluriatividade rural surge então permitindo que a agricultura familiar assuma novas ocupações que podem ser vistas como uma ascensão social, desenvolvimento e revalorização, afinal a família começa a entender a vida no campo como um negócio e já não necessitam mais de uma tentativa de fuga para a cidade, ali se encontram em diversos meios de trabalho que fortalecem e desenvolvem o local onde estão situados.

O turismo rural pode, então, ser uma atividade integrante no que diz respeito à pluriatividade rural e ainda trazer desenvolvimento, revalorização e auto-estima aos

produtores. “As atividades associadas ao turismo rural têm contribuído para a complementação da renda familiar das unidades de produção, pois o seu incremento gera a demanda por novos postos de trabalho” (MARAFON, 2006). Nota-se, portanto que o turismo rural pode ser sim uma outra forma de gerar não apenas mais renda, mas também novos campos de trabalho que agregam mais valor a agricultura e a vida no campo.

Na Região Serrana Fluminense, percebe-se a presença marcante de atividades relacionadas ao turismo rural contemporâneo e em sintonia com a produção familiar, afinal a região ainda lida muito com atravessadores e os produtores acabam ficando à mercê desse controle comercial e então buscam outras formas de trabalho não agrícola (caseiros, jardineiros, domésticos), mas é também uma região consideravelmente alternativa para o turismo que foge do “convencional”. No entanto para Marafon (2006)

Nas áreas mais distantes, os produtores familiares continuam na dependência da renda agrícola e enfrentando inúmeros problemas para a realização de suas atividades”, e o turismo rural pode acabar sendo percebido como mais uma forma de exploração no trabalho familiar.

Em vista disso é necessário pensar a pluriatividade e o turismo rural como parte integrante à agricultura e como a imagem desse espaço pode ser vendida para os turistas de maneira que autóctones e visitantes compreendam essa atividade como uma complementariedade positiva e que a construção desse espaço seja voltada para o outro para que mais tarde a busca também por esse espaço seja para valorizar e revalorizar o outro que, segundo Fortunato (2011) é o que mais importa e que é ainda o diferencial do local.

2. TURISMO SOLIDÁRIO

2.1 Conceitos

O turismo solidário é um termo ainda pouco utilizado e difundido, por isso trarei para o estudo alguns conceitos, na tentativa de talvez significar o termo. O turismo solidário foi classificado no *Primer Foro Internacional de Turismo Solidario y Desarrollo Sostenible – FITS²*, (2003) como: “el desarrollo del turismo solidario ha de realizarse sobre dos bases diferentes: primera, la producción turística; segunda, el impacto del turismo sobre el territorio y el desarrollo económico”. Entendemos assim o turismo solidário como uma prática para o desenvolvimento que está sustentada sobre dois pilares, produção e impacto.

Segundo Gúzman et. al. (2007) o turismo solidário é uma atividade econômica cujos processos de desenvolvimento são realizados em benefício da população local e é sustentado também sobre dois pilares, turismo de mínimo impacto que busca conservar o patrimônio local, cultura, tradição e meio ambiente, e um turismo que possa fortalecer a sociedade local com dinâmicas econômicas autônomas, devendo existir uma relação muito estreita entre turistas e comunidade local, já que a ideia é também que o turista desenvolva algum tipo de trabalho dentro da comunidade, que tem como elemento chave a hospitalidade. Nesse sentido entendemos o turismo solidário como uma atividade principalmente voltada para a comunidade local, pensando em desenvolvê-la com o objetivo de também proteger e valorizar o local, nos remetendo ainda a importância da hospitalidade que é um elemento chave.

Para trazer um pouco mais de clareza ao termo chave “hospitalidade” usamos uma citação de Camargo (2008) que diz: “a hospitalidade é o ritual básico do vínculo humano, aquele que o perpetua nessa alternância de papéis”. A hospitalidade se coloca então como um ritual de continuidade, em que o hóspede em muitos momentos passa a ser também anfitrião.

Ainda nesse contexto podemos citar também Krippendorf (2009) que defende a tese de uma humanização do turismo, que levaria em conta outro ser turista, para o qual a viagem não seria tanto um repouso físico.

²FITS – aconteceu a primeira vez em Marsella, França em setembro 2003, com o objetivo de discutir o desenvolvimento do turismo solidário como um movimento social responsável e de justo comércio, participaram 315 pessoas e 74 países. O segundo FITS só ocorreu em 2006.

Em síntese é possível começar a entender o turismo solidário como uma forma mais “humanizada” em que o encontro com o outro talvez seja o objetivo final e mais importante de uma viagem.

Consequentemente, Fortunato (2014) sugere uma metodologia para o turismo solidário com 6V’s (Figura 2).

Figura 2: Fluxograma 6V’s Turismo Solidário



Fonte: www.brasilidadesolidaria.com.br (2013)

“Os “6V’s” são pensados em termos de doação e de recepção simultâneas” (FORTUNATO e NEFFA, 2014).

- Visitação: está ligada a roteiros construídos a partir de saberes locais.
- Vivências: troca de experiência entre visitante e visitado.
- Vendas: relaciona-se ao marketing para promoção e divulgação do local a fim de construir redes.

- Vínculos: atrelar laços dos moradores locais que ao invés de trabalharem com concorrência trabalham com a ideia de cadeia produtiva, fortalecendo a economia local.
- Veiculação: responsabilidade sócio ambiental a fim de minimizar impactos conscientizando visitantes e atuando de maneira sustentável nas áreas de amortecimento.
- Validação: disseminar a proposta a fim de validar experiências.

É possível então entender o turismo solidário como uma atividade que surge assumindo responsabilidades de mínimo impacto e de trabalho em conjunto com o objetivo de desenvolver um local através dos moradores locais. O mais importante passa a ser o outro e do encontro se faz dádiva, que foi um conceito difundido por Mauss em seu livro Ensaio sobre a Dádiva que envolve três aspectos da vida social: dar, receber e retribuir, o turismo solidário atua com esses princípios e “constrói” a atração turística através do encontro com o outro onde se dá esse aspecto da dádiva.

2.2 Apropriação dos 6V's do turismo solidário

Para o estudo nos apropriamos da filosofia dos 6V's do Turismo Solidário criado por Fortunato e entendendo essa filosofia também como uma metodologia para o planejamento local do turismo, não somente como um negócio ou comercialização, mas como uma dádiva.

O solidário é entendido como reciprocidade, ora se faz anfitrião, ora se faz hóspede, num princípio de alteridade. “Existe uma demanda pelo inusitado e pelo convívio com o outro, inclusive com aqueles que vivem em áreas consideradas “pobres”, mas que detêm uma riqueza imaterial peculiar” (FORTUNATO, 2011). O turismo solidário assume esse papel de colocar em voga o “inusitado”, afinal é a partir dessa metodologia que roteiros “fora do comum” são colocados em prática e aproximam seres humanos de forma mútua.

Entendemos a visitação como um início, conhecer o local, ir até lá, saber deles o que aquilo representa para eles. A vivência só passa a ter sentido através da visitação, do contato com o outro que dá a representatividade para aquele local e as trocas começam a acontecer. A venda é a imagem que damos ao local, como ele é vendido e só criamos isso após visitar e vivenciar o espaço, no entanto, ainda acreditamos que para vender essa imagem é necessário que vínculos e veiculação já estejam estabelecidos. Os vínculos são uma estratégia de fortalecimento econômico para o local, mas a população local precisa estar realmente

participando do projeto, para entenderem a importância do papel de cada um e como aquilo pode gerar desenvolvimento. A veiculação é como os locais “vendem” e realizam suas ações, conscientizando os visitantes e também minimizando impactos. Por fim a validação é quando toda a metodologia foi colocada em prática e já acontece naturalmente.

Por outro lado, como afirmam Fortunato e Neffa (2013).

Os 6V's, eventualmente, podem ocorrer sozinhos e, não necessariamente, existe uma ordem pré-determinada para se chegar a uma conclusão, apesar da ideia disseminada pela Tecnologia Social (validação) pressupor alguns passos necessários à consolidação do turismo solidário.

Percebemos a necessidade de um elo entre cada passo para se alcançar um planejamento eficaz. O objetivo é mostrar que essa filosofia pode ser sim uma metodologia de planejamento.

Para isso, propomos uma metodologia de trabalho mais sequencial que consiste num passo-a-passo a ser realizado em partes para o planejamento e coloco em evidência dois pilares principais: a vivência, que é justamente o contato com o outro, o atrativo principal do local e os vínculos que é o elo entre a população local, que fortalece a economia e o desenvolvimento. Entendo ainda vínculos como a união que acontece nas vivências entre visitantes e visitados.

Figura 3: Método Proposto



Fonte: Maeda, 2017.

2.3 Os 6V's para planejar

Seguindo a metodologia de planejamento proposta tenho ainda como referência, Hoerner (2011, p.186) que diz:

Não poderíamos imaginar turistas organizados vivendo uma experiência de desenvolvimento entre populações locais? Por que não participariam eles dos investimentos necessários, promovendo operações agrícolas, industriais ou comerciais? Esse turismo humanitário transformaria os turistas em protagonistas do desenvolvimento, enquanto as populações visitadas os acolheriam numa espécie de parceria.

E é nesse ideal que o turismo solidário e o planejamento com essa filosofia se unem, numa proposta de um turismo humanitário. Com esse objetivo, sugiro passos de planejamento que se enquadram nos 6 V's.

- O primeiro passo está em **visitar** o local, nesse momento muitas vezes nem estamos pensando em planejar, apenas estar e conhecer e é aí que um morador local pode fazer toda a diferença, trazendo para a visita seus saberes.

- O segundo passo é **vivenciar**, conhecer através das trocas, vivenciar o lugar e principalmente vivenciar o outro, afinal é o outro que dá o sentido para o lugar. Esse passo pode ser um passo teste, a ser realizado e repetido diversas vezes, a fim de ver e compreender a diversidade de vivências que o local é capaz de proporcionar.
- O terceiro passo é **vincular**, unir moradores e organizações, fazer com que eles conheçam melhor e saibam as potencialidades que cada um pode oferecer, com o objetivo de trabalharem juntos, somando forças sociais e econômicas para o desenvolvimento. Nesse momento pode ser proposto um curso, a fim de reunir para unir a comunidade em prol de um objetivo comum.
- O quarto passo é **veicular**, que tem haver com conscientizar através de informações a respeito do turismo e da importância do meio ambiente para o desenvolvimento do trabalho, ao ponto que os visitantes também sejam conscientizados e tenham ações positivas com o meio que vivem. Esse passo pode acontecer também com o curso proposto no passo anterior.
- O quinto passo é **vender**, que deve acontecer após os outros passos estarem prontos, assim teremos uma imagem mais sólida sobre o lugar e o marketing de venda pode disseminar o ideal dos outros passos como uma ferramenta de atração, já deixando claro para os visitantes como a atividade é executada no local e disseminando a ideia antes mesmo do turista estar lá.
- E o sexto passo é **validar**, consolidando todos os passos anteriores, a fim do turismo solidário estar preparado e acontecendo.

Sugiro também palavras chaves para cada um dos V's a fim de objetivar e facilitar a compreensão de cada um deles:

Figura 4: Facilitando a compreensão



Fonte: Maeda, 2017

Acredito que dessa maneira fique fácil a compreensão para onde caminha o turismo solidário, e que os V's sejam ferramentas para ordenar um processo de planejamento que visa o local como ele é. Assim buscamos trabalhar o planejamento em Santa Rita.

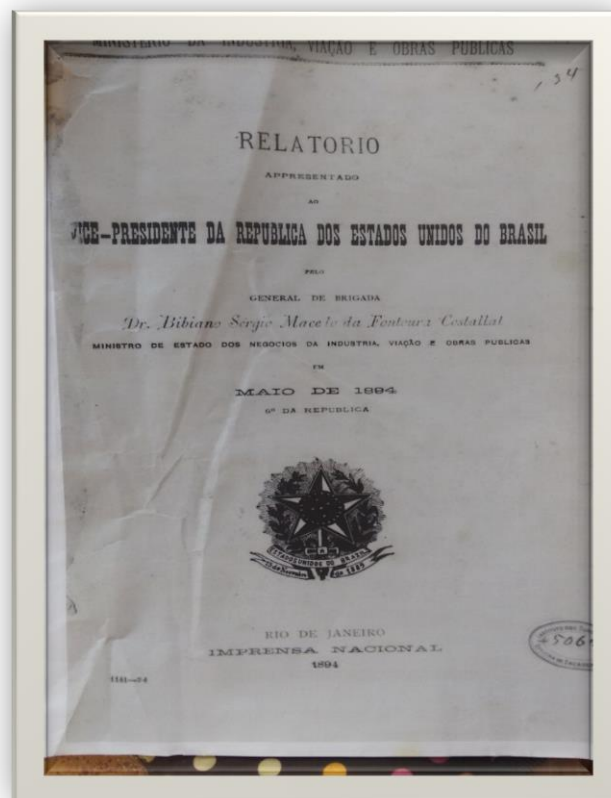
3. O TURISMO RURAL COM BASE NO TURISMO SOLIDÁRIO EM SANTA RITA

3.1 Um Pouco da História e Localização

A região de Santa Rita foi colonizada por suíços no século XIX quando Eugenio Meyer comprou as terras até então conhecida como Fazenda de São João de Paquequer e começou ofertar aos suíços a vinda para o Brasil a fim de colonizar a agora Colônia Alpina; foi assim renomeado o local que tinha como paisagem a lembrança dos Alpes suíços.

Em um relatório de 1894 (Figura 5) sobre a inspeção em colônias encontra-se um relato dizendo que nessa época viviam na colônia vinte e três famílias suíças, duas famílias do Rio Grande do Sul e uma do Rio da Prata, formando uma população de 174 colonos que ali cultivavam batatas, milho, feijão, chá da índia, as macieiras, pereiras, ameixeiras, figueiras, amendoeiras, videiras americanas, marmelo e espécies novas importadas da Europa (COSTALLAT, 1894).

Figura 5: Relatório sobre colônia Alpina



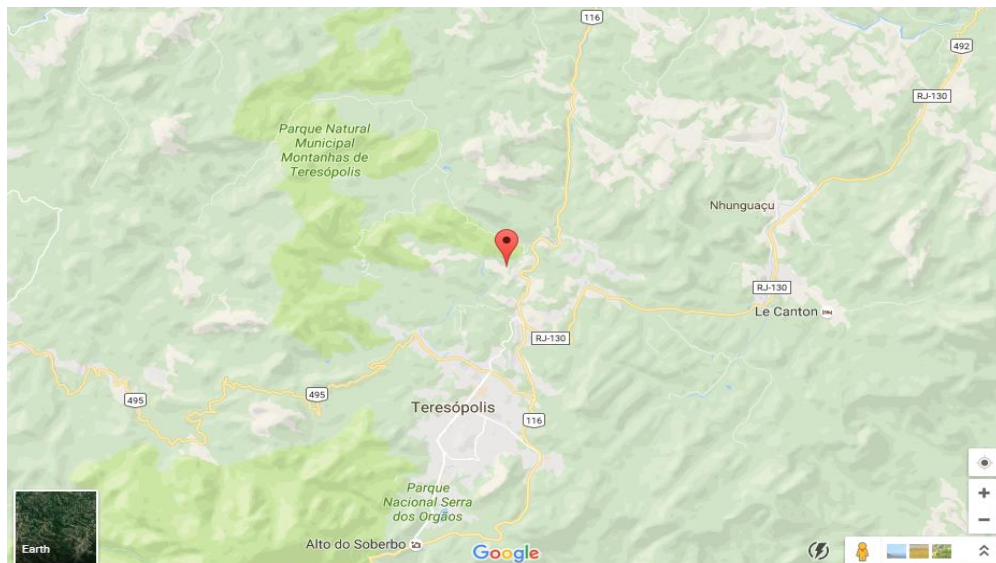
Fonte: Lopes, 2016

E em 1990 a Colônia Alpina é então desapropriada, “Desapropriação confirmada com indenização superestimada Fazenda Alpina no município de Teresópolis, Rio de Janeiro, foi desapropriada em 1990 a Fazenda Alpina, então de propriedade da Agropecuária Suíça Brasileira” (INCRA, 2014). Hoje é uma área de assentamento rural, de agricultura familiar e também onde se encontra a sede do Parque Natural Municipal Montanhas de Teresópolis (PNMMT), criado em Julho de 2009, é a maior unidade de conservação criada por um município do Estado do Rio de Janeiro, fato que trouxe mais visibilidade ao distrito e um maior cuidado ambiental não só na área do parque, mas em toda sua zona de amortecimento, por isso a importância da produção agrícola orgânica.

Em 2015 se inicia o processo de trabalho do turismo solidário no local, por meio de um grupo de pessoas interessadas nessa filosofia.

Santa Rita está localizada no 2º distrito do município de Teresópolis – RJ.

Figura 6: Localização Santa Rita



Fonte: googlemaps (2016)

3.2 Primeiras atividades para o estudo do meio rural em Santa Rita

As primeiras atividades aconteceram através de algumas vivências e deram sequência a diversas atividades para um planejamento e desenvolvimento do local, devido a isso, pensando em facilitar a compreensão e leitura dos tópicos seguintes, apresentamos na Figura 7 um quadro cronológico com as ações que ocorreram durante todo esse período de estudos.

Figura 7: Processo cronológico de planejamento e realização de ações

PROCESSO DE PLANEJAMENTO		
MÊS	ANO	AÇÕES
5	2015	PRIMEIRA VIVÊNCIA - GRUPO CURSO TURISMO E REDES DE COLABORAÇÃO
6	2015	SEGUNDA VIVÊNCIA - GRUPO DE TURISMO UERJ
10	2015	TERCEIRA VIVÊNCIA - GRUPO GASTRONOMIA UFRJ
3	2016	VISITAÇÕES PARA MAPEAMENTO
4	2016	VISITAÇÕES PARA MAPEAMENTO
5 À 7	2016	DISCUSSÃO PARA MONTAGEM DO MAPA
9	2016	PLANEJAMENTO PARA EVENTO DE APRESENTAÇÃO DO MAPA
10	2016	APRESENTAÇÃO DO MAPA
11	2016	PROPOSTAS INICIAIS PARA O FUNDO DO TURISMO SOLIDÁRIO
2	2017	PRIMEIRA ETAPA DO MINI-CURSO
5	2017	VIVÊNCIA DE TRÊS DIAS NO LOCAL

Fonte: Maeda, 2017

A visitação inicial aconteceu para conhecermos as propriedades de duas famílias – Sítio Boaventura e Rancho Cria da Terra – esse primeiro trabalho de campo ocorreu como uma atividade do curso de extensão ministrado pelo professor Rafael Fortunato da UERJ, intitulado de Turismo e Redes de Colaboração. A vivência iniciou-se com um café da manhã na propriedade da família Boaventura, em seguida o Sr. Luiz apresentou as plantações e enquanto caminhava, contava também sua história. Agricultor desde jovem aprendeu a produzir da maneira tradicional, sempre fez uso de agrotóxico até ser intoxicado e ter graves problemas de saúde que o levaram a depressão, hoje vive com parte do corpo “gelado”, mas em suas falas sempre ressalta o lado bom disso, afinal após esse episódio mudou totalmente

sua maneira de produção e passou a ser um produtor orgânico com objetivo de levar saúde às pessoas, no entanto sua maior dificuldade é chegar a essas pessoas e acaba por muitas vezes perdendo sua produção.

Ali se realizou o plantio de algumas mudas nativas (Figura 8) e foram vendidos os alimentos produzidos; tradicional família do campo pudemos presenciar o funcionamento da agricultura familiar, pois trabalham no sítio pais e filho, a produção orgânica, além de um acolhimento singular (hospitalidade) e também presença da dádiva.

Já no início dessa visitação notamos a importância de conhecer não apenas lugares, mas também pessoas e como a vivência é capaz de transformar a partir das diversas trocas de experiências e afeto.

Figura 8: Plantio de mudas nativas no sítio Boaventura



Fonte: Maeda, 2015

A parada seguinte aconteceu na Fazenda Alpina para conhecer um pouco a respeito da história e coloniza o do local. Seguimos para a propriedade da família Lopes – Rancho Cria da Terra – que   de um dos alunos, Marcos, que participou do curso – Turismo e Redes de Colabora o – ele apresentou o local intitulado-se como agricultor mirim, a principal característica do sítio é a produ o de ovos orgânicos (Figura 9), mas foi possível vivenciar também o plantio e colher alimentos para o preparo de um almoço comunitário, em que foi possível constatar que o turismo solidário cria forças unindo o grupo e fortalecendo vínculos.

Figura 9: Rancho Cria da Terra



Fonte: Maeda, 2015

O Rancho Cria da Terra, possui um salão, com ampla cozinha, banheiros, estrutura para camping e dormitórios, demonstrando aspectos de pluriatividade rural. Ali mesmo foi preparado o almoço (Figura 10), um momento em que todos participaram, desde colher, descascar, picar e cozinhar, é nesse momento que identificamos turistas atuando como personagens do local e todos trabalhando de uma forma que unifica. Ao final a mesa estava farta e todos alimentados de um dia incrível.

Essas vivências permitiram entender o Turismo Solidário na prática e perceber o local como uma potencialidade.

Figura 10: Cozinhando almoço comunitário no Rancho Cria da Terra



Fonte: Maeda, 2015

A partir desse dia decidimos criar um roteiro teste no local com a filosofia do Turismo Solidário (Figura 11), o grupo recebido era formado por alunos do curso de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O plano foi iniciar novamente com café da manhã, visita e colheita no Sítio Boaventura, passar pela Fazenda Alpina para contextualizar a história do local e finalizar o dia no Rancho Cria da Terra, com um almoço comunitário e algumas atividades recreativas de contato com a natureza que remetesse a conscientização ambiental (Figura 12).

O objetivo era mais uma vez colocar em evidência turistas atuando no local, permitindo conhecer, trocar, unir, conscientizar e compartilhar. O ato de colher e fazer o próprio almoço coloca em voga a unificação das pessoas, tornando o grupo sólido que atua com cooperação, um momento onde todos são “iguais”.

Figura 11: Divulgação do Roteiro



Turismo Solidário em Teresópolis - Santa Rita

8:00 Encontro na UERJ – Terê

8:15 Saída para Santa Rita

9:00 Chegada ao Sítio Boa Ventura - café da manhã e visitação.

10:30 Fazenda Alpina – Contos e História do local.

11:30 Acampamento Jesus Vive e Rancho Cria da Terra – Visitação e colheita na horta para preparação do almoço em grupo.

13:00 Almoço.

15:00 Vivências Sensoriais de Integração com a natureza.

16:00 Retorno a UERJ – Terê.

Data: 18/07/2015

Investimento: R\$30,00

20 vagas

REDE BRASILDIDADE SOLIDÁRIA
Promovendo Encontros em Visões Responsáveis

Fonte: Maeda, 2015

Figura 12: Recreação Ambiental – Abrace uma Árvore



Fonte: Maeda, 2015

Ao final das atividades foi realizada uma espécie de roda de conversa para ouvir a opinião dos visitantes a respeito do local, do roteiro e da visão sobre o turismo solidário; os comentários foram muito positivos.

“Voltaria com certeza” (Rosa). “Irei divulgar”(Carolina). “Foi incrível”(Hugo). E um desses turistas se aprofundou ainda mais, em seu relato disse “é necessário mais dias por aqui, um dia foi pouco para aproveitar e conhecer, aqui é um local de reconexão”(Éder). Percebemos através das falas a reaproximação do homem com o campo e como essas atividades estimulam, de certa maneira essa reconexão com a natureza e com a dádiva.

Poucos meses depois foi realizada mais uma vivência, dessa vez com outro grupo de universitários, a turma da disciplina de origem dos alimentos do curso de Gastronomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O roteiro iniciou com visita à feira agroecológica que localiza-se na região central no município de Teresópolis (Figura 13).

Figura 13: Feira Agroecológica de Teresópolis - Turista e Produtor de Santa Rita



Fonte: Maeda, 2015

Na recepção do grupo foi pautada toda relação da atividade com o Turismo Solidário, explicou-se minimamente a metodologia dos 6V's e o roteiro deu sequência como os anteriores – café da manhã, plantio e colheita no Sítio Boaventura (Figura 14), contextualização histórica na Fazenda Alpina e almoço comunitário no Rancho Cria da Terra - dessa vez notamos trocas intensas no campo da alimentação e mais uma vez a vivência se encerrou de maneira positiva com comentários como: “Não parece que estou fazendo turismo”(Rita). “Colher uma cenoura é o tipo de coisa que dá mais sentido ao que aprendo

em sala de aula” (Luiza). “Esse lugar precisa estar incluído em matérias de aprendizado da vida” (Ivan). Esse roteiro demonstra uma das possibilidades de atuação do turismo solidário, o turismo pedagógico, que tem uma contribuição essencial para uma formação mais humanitária a partir do contato com a realidade, isso se constata na fala desses alunos. “Encontro e o convívio com um grupo de pessoas eleitas pelo indivíduo também contribui para o alargamento da percepção das diferentes dimensões da realidade” (FORTUNATO, 2012). Evidenciando assim que vivências como essas não ocorrem ao acaso e possuem fundamental importância para formação do indivíduo.

Figura 14: Café da manhã no sítio Boaventura



Fonte: Maeda, 2015

A Figura 14 representa esse contato de alunos com a realidade da vida rural. Momentos como esse e outros vividos ao longo desses três roteiros elencam que mesmo com as diversidades dos grupos essa forma de fazer turismo é uma abertura de possibilidades, que faz todos atuarem igualmente de maneira sólida, que os V's estão presentes em todas as ações e que Santa Rita realmente é uma potencialidade para o desenvolvimento do turismo solidário, portanto, o processo de planejamento do turismo rural baseado na metodologia proposta é necessário, optamos, portanto iniciar com um mapeamento.

3.3 Processo de Mapeamento

Em 2016 iniciamos então um contato direto com o Parque Natural Municipal Montanhas de Teresópolis, sediado em Santa Rita, para iniciar o processo de reconhecimento maior da região, incluindo mais famílias que trabalham com orgânicos, pontos de visitação e demais potencialidades.

O apoio entre PNMMT e UERJ foi mútuo, o PNMMT cedeu um carro e deixou um funcionário a disposição que acompanhou esse processo e foi importante para apresentar mais produtores e a região. Esse processo de visitação se iniciou na sede do PNMMT com apresentação da maquete com toda área que o parque abrange. Seguimos para região do Timóteo onde se encontra o sítio Terra Viva do Sr. Valdeci, um neo-rural que foi empresário do município e resolveu deixar a vida na cidade para ir empreender e viver na roça, é produtor de bonsai, peixes e alimentos orgânicos. Logo em frente encontra-se o sítio Raízes do Sr. Mateus, um jovem formado em biologia com especialização em agrofloresta que sempre sonhou em ter sua própria terra e produzir seus próprios alimentos que hoje são vendidos na feira agroecológica de Teresópolis, Mateus é também um exemplo de neo-rural que traduz também essa questão do novo rural, estudou e se especializou durante anos para então ir viver no campo e praticar tudo que aprendeu. Questionou-se a eles a respeito do turismo, o que pensam, como veem a atividade. Mostraram-se interessados, um pouco preocupados com a infraestrutura, mas com desejo de trabalhar com o turismo, ressaltando a importância da pluriatividade no trabalho rural.

Continuamos para outra região em direção ao Vale do Cuiabá, onde se localiza a propriedade familiar do Sr. Ermínio e da Sra. Neide, desde sempre produtores orgânicos, aprenderam a plantar dessa maneira e, além disso, a Sra. Neide faz um pouco de tudo na cozinha, produz açúcar, pimentas, compotas, doces, geleias e café. A expressão dessa família é tradução de afeto relacionado à hospitalidade e à dádiva. Quando questionados sobre o turismo a expressão mostrava felicidade, talvez sem entender muito bem o que é essa atividade, mas com a certeza de que o que sabem fazer de melhor é receber, além de ser uma oportunidade para geração de renda, afinal o sítio está localizado em uma região afastada e de difícil acesso.

No encontro seguinte iniciamos a visitação por outra estrada que chega a Santa Rita, garantindo as imensas belezas do local com um importante ponto para um possível mirante. A primeira visita foi no sítio do Sr. Júlio, sua esposa preparou um cafezinho feito no fogão à lenha e ofereceu um delicioso queijo que é a principal produção do local, além disso, cultivam

cana de açúcar e criam cavalos. Durante a conversa mostraram-se interessados a trabalhar com turismo, mas muito preocupados também com a “ausência” de infraestrutura.

É interessante pensar em infraestrutura e como isso preocupa as pessoas, pois já possuem um olhar direcionado a um “turismo de cenários” onde o local tem que parecer impecável. Para o turismo solidário o lugar é o que é, o objetivo é redirecionar esse olhar que vem sendo construído ao longo dos anos justamente para desconstrução desses cenários, o outro é a atração principal e o lugar possui a estética dele não precisa sofrer grandes alterações.

Seguindo o caminho encontrou-se mais uma cachoeira, esse caminho liga diretamente ao sítio Boaventura – o primeiro local que conhecemos.

E então seguimos até a região central de Santa Rita onde se encontra a Capela, primeira igreja católica de Teresópolis. A Capela de Santa Rita de Cássia teve sua primeira parte construída em 1808 e depois a segunda parte a partir de 1828; de estilo colonial português a Capela ainda hoje mantém algumas características originais (Guia Municipal de Informações Culturais de Teresópolis de 2003).

Figura 15: Capela de Santa Rita



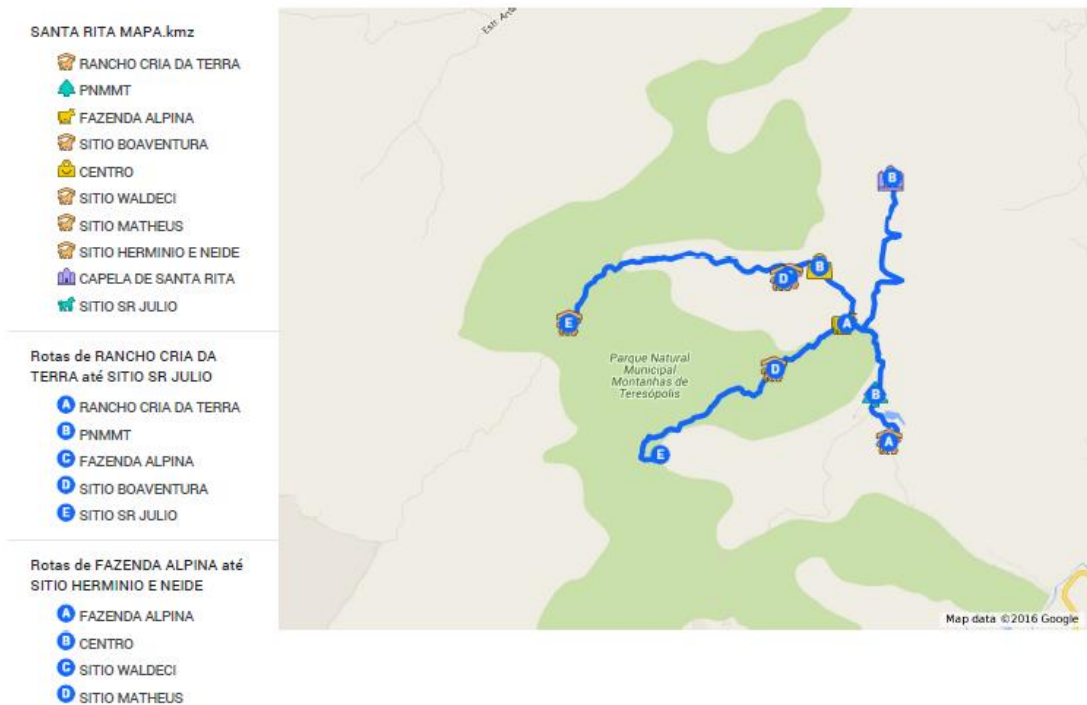
Fonte: Maeda, 2016

Diante do tamanho da região, tantos pontos visitados e tantos outros a se visitar, fica evidente a necessidade de localizar-se, para entende melhor a região e poder realizar um planejamento de maneira que o local possa se mostrar atuando em conjunto.

Talvez por ser uma região rural, mapas e localização são muito difíceis de serem encontrados até mesmo com a ferramenta *google maps*, que não apresenta imagens das ruas e nem pontos de referência. Na tentativa de facilitar a localização e apesar de toda dificuldade criou-se um mapa com ajuda da ferramenta Google Earth, pontuando referencialmente as propriedades, sede do PNMMT, centro e igreja, conforme apresentado na Figura 16.

Figura 16: Mapa Santa Rita

MAPA SANTA RITA

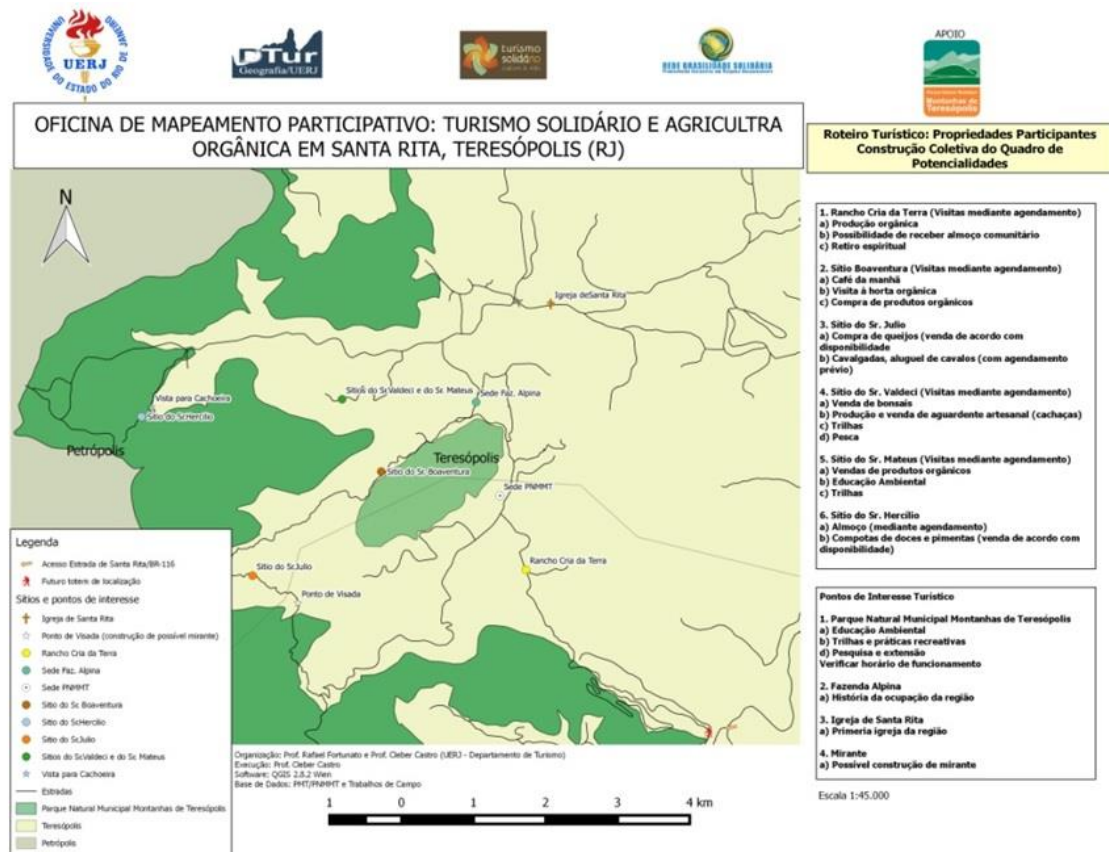


Fonte: Google Earth – meus mapas - 2016

Criando dessa forma um desenho com intuito de permitir redesenhos em forma de possíveis roteiros.

Esse mapa logo deu lugar a um mapa construído em campo e com GPS por Castro e Fortunato, profissionalizando ainda mais nosso processo de planejamento em Santa Rita.

Figura 17: Mapa Santa Rita – mapeamento participativo



Fonte: Castro e Fortunato, 2016

*Mapa apresentado também em anexo 1

O mapa foi apresentado à população em uma das vivências que foi realizada na sede do PNMMT em comemoração ao dia das crianças com o objetivo de construir um mapa participativo por meio do que é chamado de cartografia social.

Compreendemos que a cartografia social pode se tornar um importante instrumento não somente para identificação de problemas cotidianos e da expressão de identidades sociais e suas expressões territoriais, mas também de potencialidades sociais e relativas à atividade turística, sendo o mapa construído coletivamente, uma representação do espaço vivido (CASTRO E FORTUNATO, 2014).

Acreditamos que de tal maneira seja possível construir um espaço turístico participativo, capaz de identificar potencialidades e fraquezas e fazendo com que a população

seja parte integrante desse processo de desenvolvimento. Na ocasião em que o mapa foi apresentado outros moradores se interessaram e quiseram fazer parte desse processo.

O evento teve a participação de alguns produtores expondo e vendendo seus produtos, as crianças da região vieram e participaram de uma recreação ambiental em forma de gincana, realizou-se ainda uma roda de conversas com a participação de moradores locais, PNMMT, estudantes, professores e interessados. Neste momento, teve-se contato com diversos relatos e foi possível conhecer ainda mais do trabalho de cada um.

Figura 18: Roda de Conversas



Fonte: Maeda, 2016

Na roda de conversa foi discutida a importância do parque, do trabalho em conjunto e como o turismo pode ser uma ferramenta de auxílio no desenvolvimento da região. Diversos atores sociais tiveram voz nessa roda de conversas e fica evidente o descontentamento da população local com as estradas e acesso. De acordo com uma moradora “90% das crianças do colégio sofrem de rinite, cada ônibus que passa deixa uma poeira que essas crianças “comem”. “As estradas mesmo em manutenção ficam sem sinalização, se vem uma pessoa que não conhece o lugar, depois das curvas tem uns valões, muito perigoso”(Cassimiro). Através das falas desses moradores constatamos um pouco dos problemas do rural brasileiro.

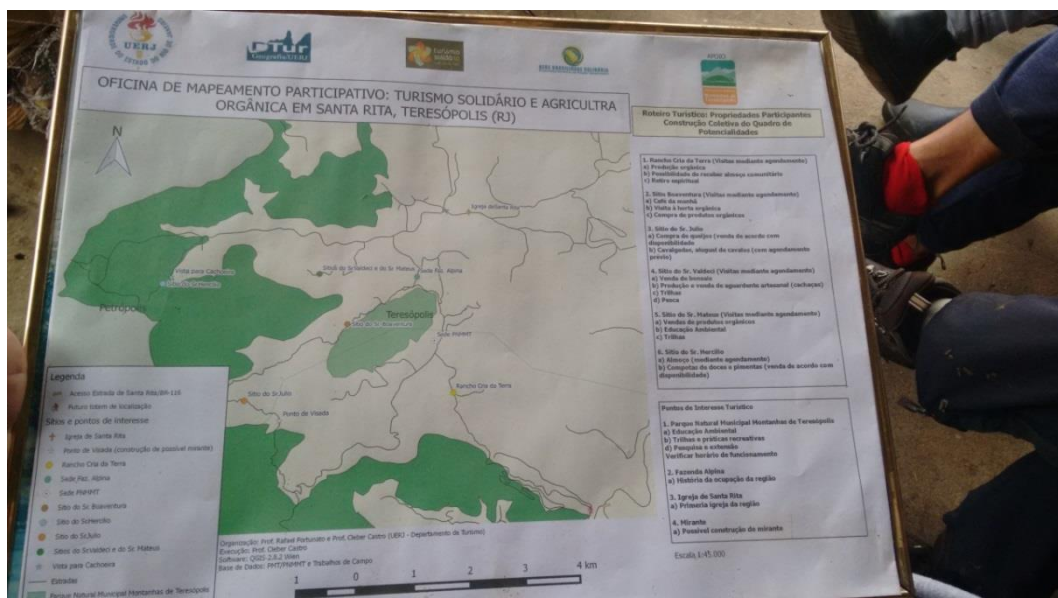
Mas também a importância do parque para o local e para o turismo.

“O parque recebeu um certificado desses sites da internet que os turistas reconhecem o lugar como bom para ser visitado e fomos convidados pela secretaria municipal de meio ambiente de Niterói para apresentar a experiência do parque... Os turistas e moradores que vem até o parque ficam impressionados com a beleza, e manutenção do lugar... Quero falar que o grupo que ta aqui tem como objetivo desenvolver a conservação e atrelar atividade de turismo e conscientização através da informação, mas sozinhos não conseguimos realizar tudo isso, por isso quero evidenciar o trabalho de parceria que ta acontecendo aqui, não há o não pode fazer, há o como fazer”(Raimundo).

Foi um momento de conhecer mais a região através das palavras de quem vive ali o dia-a-dia para dar sequência à construção do mapa e realizar mais atividades de vivências com turistas no local tendo em vista a possibilidade de agregar mais ainda a região à filosofia do Turismo Solidário e pontuar a importância deles trabalharem em conjunto, para que no futuro as placas de indicação não sejam mais como atualmente, a proposta é que elas não passem mais essa ideia de “cada um por si”, pois o trabalho em conjunto é essencial para o desenvolvimento.

Prova de que a população se sinta parte desse processo, foi em uma das vivências o morador apresentar esse mapa colado em um quadro para os visitantes.

Figura 19: Mapa Santa Rita enquadrado por um morador.



Fonte: Maeda, 2017

Esse é um momento que nos faz constatar que o morador realmente se sente parte integrante desse processo e tem admiração por esse processo de construção e desenvolvimento. Devido a isso sentimos também a necessidade de informa-los sobre a atividade do turismo para que eles entendam e reflitam a respeito.

3.4 Informando, desenvolvendo e atuando

Analisando o histórico de idas a campo, os locais que conhecemos os produtores e o desejo dos moradores em terem o turismo como mais uma atividade a ser desenvolvida no local, foi idealizado um mini curso (Anexo 1), em que a ideia norteadora é mostrar para esses moradores que o turismo pode ser sim muito bom, mas que pode também ser devastador e por isso se faz necessário um planejamento e para isso utilizamos uma filosofia que tem como ideal a construção de um espaço pensado no outro, quando se pensa no outro, pensa-se em si mesmo. Para Hoerner (2011) “duas condições são necessárias: o abandono do “tudo-turismo”, que é uma monoatividade perigosa nas economias mal articuladas, e a criação de programas de formação, que preparariam melhor as populações para acolher os milhões de turistas”. Para tanto a ideologia desse curso está nessa formação, que mesmo curta, é entendida como um início que irá fazer a diferença.

A ideia é fazer com que reflitam a respeito do que realmente esperam do turismo com o intuito que construam um espaço que reflita o que desejam e que esse espaço seja utilizado também da maneira que desejam.

Esse curso tem como objetivo uma proposta inicial que envolve também a construção de vínculos e união das pessoas que vivem e atuam no local, mas é interessante que haja um desdobramento maior a fim de fazer acontecer outros cursos de capacitação mais amplos.

A primeira etapa do curso foi realizada indo à casa dos moradores, houve dificuldade de encontra-los, mas chegando à região do Timóteo encontramos o grupo de moradores ali da rua onde já conhecíamos o Sítio Raízes e o Terra Viva, conversamos com eles e ali aplicamos e desenvolvemos essa primeira parte da capacitação, o curso foi apresentado com uma conversa informal, falando sobre potencialidades e riscos que a atividade pode causar e apresentamos vídeos que retratam a vida no campo em conjunto com o turismo para inspirá-los, Retrato Brasil – Circuito Três Picos e uma reportagem sobre a Acolhida da Colônia³.

³Acolhida da Colônia: criada em 1999 é uma associação de famílias de agricultores com a proposta de valorizar o modo de vida no campo através do agroturismo.

Ouvimos o que pensam sobre o turismo e deixamos essa proposta de reflexão sobre o que podem fazer e como podem trabalhar o turismo ali.

Figura 20: Curso de formação



Fonte: Maeda, 2017

Após o mapeamento, a primeira etapa do minicurso realizados e um período sem receber grupos, tivemos a oportunidade de receber o grupo de Agroecologia da UERJ – Manga Rosa - ali na região do Timóteo, e colocar em prática o que os moradores pensaram a respeito do espaço, o que poderiam oferecer de infraestrutura e sabedorias.

Durante esse período pudemos notar o desenvolvimento e atuação do turismo solidário naquele espaço. Antes de receber o grupo fomos até o local para saber o que haviam pensado a respeito da utilização do espaço deles. O Mateus do Sítio Raízes estava preparando um banheiro seco, uma área para camping e instalando um aquecimento a lenha para o chuveiro, ações que já estava planejando realizar e a vinda do grupo facilitou isso, Valdeci do sítio Terra Viva já possuía uma cozinha e banheiro na área externa e bastante área para acampamento. Pensaram também no curso sobre plantas alimentícias não convencionais (PANCS) e sobre a agrofloresta, além do planejamento sobre a alimentação que iria acontecer ao longo dos dias.

A vivência aconteceu por um período de três dias. O grupo saiu da cidade do Rio de Janeiro, no dia chovia bastante o que nos deixou apreensivos. Faziam parte do grupo alunos e professores de diversas áreas de atuação - turismo, artes, geografia, engenharia de produção,

educação física, biologia, desenho industrial – deixando uma expectativa positiva para realização das vivências.

Na chegada à Teresópolis a primeira parada foi no PARNASO (Parque Nacional da Serra dos Órgãos), e então seguiu-se para Santa Rita na sede do PNMMT, ali teve um momento para conhecer minimamente a geografia do local através da maquete do PNMMT e o trabalho deles (Figura 21).

Figura 21: Conhecendo a maquete



Fonte: Gurgel, 2017.

A parada seguinte foi no sítio Boaventura, onde fomos mais uma vez recebidos com um café e o grupo conheceu todo o plantio, que impressiona pelo tamanho e organização, e foi ainda uma oportunidade para conhecerem o Sr. Luis, que antes se demonstrava tímido e inseguro, agora já domina suas falas e apresentação do sítio, demonstrando muito mais intimidade ao lidar com os visitantes, conheceram também sua família e as histórias.

Os momentos nesses locais iniciam uma conexão do grupo com o local que estão chegando para visitar – conhecer e já fica evidente que além da visita já ocorrem vivências, como nas trocas e aprendizagens no sítio Boaventura, além dos vínculos que

começam a unir mais o grupo e o trabalho do PNMMT que conscientiza vinculando informações.

Do sítio Boaventura seguimos para a região do Timóteo, Mateus e Valdeci nos receberam e como já era final de tarde logo nos preocupamos em montar as barracas para o acampamento, a chuva ainda insistia em cair, o local que o Mateus preparou para o acampamento estava com bastante lama e o chão era bastante íngreme, não seria confortável para o grupo ficar naquele local, esse é um ponto importante para análise, pois o turismo solidário não cria cenários para visitantes, o lugar é o que é, mas por vezes esse local pode não funcionar, e foi o que ocorreu; como também chovia bastante as barracas acabaram sendo montadas nas varandas das casas, mostrando que o turismo é também uma atividade imprevisível, mas que é possível lidar com as adversidades do momento.

Além da chuva, também não havia energia elétrica, mas isso não impediu que realizássemos uma oficina de PANCS a luz de velas que deu sequência a um jantar feito com essas PANCS.

Na manhã seguinte o dia iniciou com um café da manhã no sítio Terra Viva e logo fomos visitar a propriedade, alimentamos os peixes, colhemos poncãs, conhecemos os bonsais que são as especialidades do Valdeci e conhecemos os plantios, logo cruzamos para o sítio Raízes e percorremos por toda a plantação do Mateus que com muita atenção e cuidado nos apresentou sua agrofloresta, pudemos pegar algumas mudas e ao final tivemos um curso a respeito da agrofloresta.

Esse é mais um momento importante que além de visitar, conhecer, vivenciar, trocar notamos a presença dos vínculos que já não se limitam apenas ao grupo, mas também aos moradores que estão em sítios vizinhos e participam das atividades juntos, fora a veiculação que com o curso de agrofloresta fica evidente a forma de conscientizar visitantes através de trocas, vivências.

O almoço foi servido no sítio Terra Viva e provamos a cachaça que o Valdeci produz, depois de alimentados voltamos para o sítio Raízes com o objetivo de já colocar em prática o que aprendemos no período da manhã com o curso de agrofloresta, realizamos o plantio nos moldes de uma agrofloresta. Foi uma atividade importantíssima, de vivenciar na pele o trabalho desses agricultores, além de praticar as aprendizagens, esse é um momento em que o suor unifica o grupo, tornando-o sólido, ninguém ali é melhor que ninguém, o trabalho é de cooperação, é mútuo... É solidário.

Figura 22: Plantio agrofloresta



Fonte: Fortunato, 2017.

Ao final da atividade de plantio, todos estavam exaustos e famintos o jantar deu sequência a uma fogueira e muitas conversas.

A união entre o grupo e moradores, os laços ali formados foram notórios – vínculos -, os saberes passados - veiculação - foram peças chaves na vivência.

Ao final realizamos uma roda de conversas com o intuito de ouvir a análise de cada um a respeito dos momentos que ali compartilhamos, todos participaram desse momento e pudemos ouvir os visitantes e os produtores. Questionamos o que é o turismo solidário para cada um deles e como se sentiram.

“Fugir de roteiros, guias, o turismo rural foge disso e a experiência da troca é singular, pois abre um canal de comunicação entre visitantes e visitados”(Pedro). “Não é um turismo convencional, não assistimos coisas, o turismo solidário é algo mais participativo”(Luana).“Um turismo que não é voltado a pontos turísticos, quando se fala em Teresópolis, não pensamos em Santa Rita, o turismo solidário muda o olhar para outros locais, trocas, ideias, aprender e contribuir bastante”(Dani).“Turismo solidário é um sistema de colaboração, agrega valores em tudo”(Renato).“Em nenhum momento me senti turista”.“Senti falta de ajuda na cozinha, do pessoal lavar mais louças”(Thayna).“Não acho que vocês vieram aqui para lavar louça, a proposta perpassa isso”(Mateus).

Percebemos através desses relatos que quase não se entende esse tipo de turismo como turismo, estamos trabalhando com algo totalmente diferente do convencional, para fazer

alusão apreseto na Figura 22 as principais características de um turismo convencional e do turismo solidário, mas acreditamos que a proposta dessas atividades é mostrar que vivências como essas são sim formas de se fazer turismo.

Figura 23: Quadro turismo convencional X turismo solidário

V'S	TURISMO CONVENCIONAL	TURISMO SOLIDÁRIO
VISITAÇÃO	VER, OLHAR, FOTOGRAFAR, ROTEIROS PADRONIZADOS, PONTOS TURÍSTICOS	CONHECER, ATUAR, PROTAGONIZAR, ROTEIROS DIFERENCIADOS
VIVÊNCIAS	DIRECIONADAS A AGENCIA OU GUIA, SER SERVIDO, "SUGAR" O LOCAL	TROCAR, APRENDER
VENDAS	VENDE UMA IMAGEM, UM CENÁRIO	O LUGAR COMO É, EXPERIENCIAS DE ATUAÇÃO
VÍNCULOS	NÃO EXISTE - SÃO CONCORRENTES OU NÃO É COM LOCAL E SIM GRANDES EMPRESAS	PARCERIA, FORTALECIMENTO, SOLIDARIEDADE, RECIPROCIDADE
VEICULAÇÃO	VENDEM UMA "FALSA" IMAGEM EX: GRANDE RESORTE EM AREA DE PRESERVAÇÃO NATURAL	CONSCIENTIZAR, CUIDAR, ENSINAR
VALIDAÇÃO	RS	DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DE CONSCIENTIZAÇÃO E CONHECIMENTO

Fonte: Maeda, 2017

Em trocas de mensagens um dos participantes da última vivência escreveu “turismo” entre aspas, isso também nos faz perceber que estamos fazendo um turismo diferente e é através de reflexões como essas que passamos a entender ainda mais a complexidade e também a função do turismo solidário, talvez não seja claro o significado de solidário que já é uma palavra muito utilizada no senso comum, talvez o comportamento perante o grupo e as pessoas não as deixe a vontade para executar algumas tarefas, por mais que as vivências tenham propostas e que o turismo solidário seja algo “diferente” a hospitalidade faz diferença, ser um turista solidário não é sempre se sentir a vontade para entrar na casa (intimidade) das

peças, é realmente necessário uma mutualidade nessa questão onde tanto o visitado como o visitante tenham posturas solidárias afim de criar-se vínculos, estamos todos “aprendendo” uma nova forma de fazer turismo e percebemos que o turismo solidário tem um perfil de gerar profundidade nos encontros, diferente do turismo convencional onde as relações são superficiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as atividades realizadas no local e todos os relatos, vemos realmente acontecer um turismo “fora do comum”. Entendemos que esses locais fora de roteiros e atrelados a um planejamento com uma filosofia como o turismo solidário é o início de uma busca por um turismo muito mais humanitário e que o turismo está muito além de um serviço – servir – pode atuar de diferentes maneiras, talvez com o objetivo de aproximar os povos.

Passamos a ver Santa Rita como um local de aprendizado, além dessas vivências relatadas ao longo do trabalho existe ainda outras frentes de turismo no local que começaram a acontecer junto com a nossa intenção e pesquisa, é o caso do turismo pedagógico, que é um curso de extensão também da UERJ ministrado pela Professora e Doutora Marcela Nascimento, voltado para profissionais da educação, que sempre convida o grupo envolvido no trabalho de planejamento de Santa Rita para falar sobre o que é o turismo solidário. Primeiramente leva os professores para conhecer o local e estes, que depois levam os alunos.

Figura 24: Vivências com alunos - curso de turismo pedagógico



Fonte: Daher, 2017

Ao longo dos estudos convidamos o Sr. Luís do sítio Boaventura que perdia boa parte da sua produção, pois não tinha para onde escoar, a comercializar os alimentos para alunos e

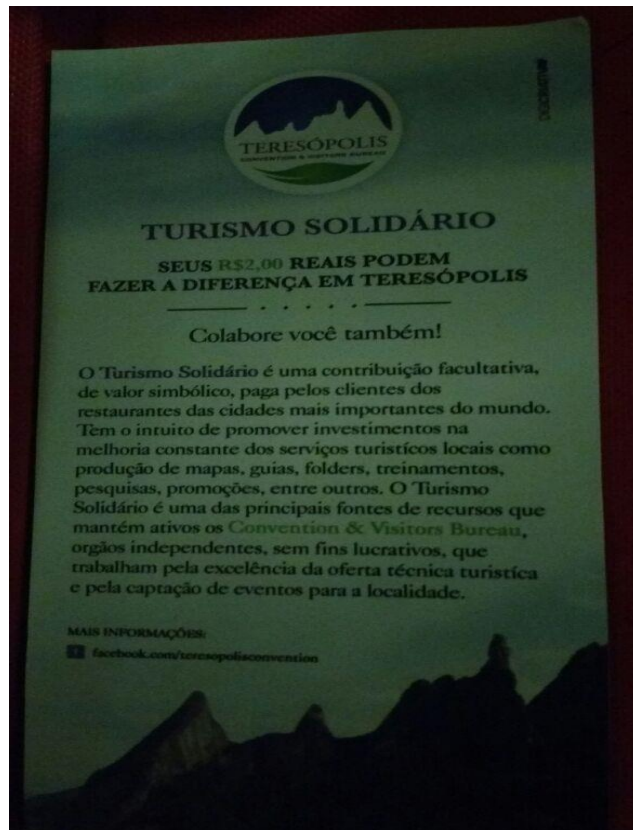
funcionários do curso de turismo da UERJ, toda semana os pedidos eram passados para o seu filho Henrique que fazia as entregas na porta do campus, hoje eles fazem feira três vezes por semana e estão num processo que falta produção. Esse processo demonstra que os vínculos estão para além das visitas.

O Mateus que vendia os produtos na feira agroecológica se desvinculou da associação e agora escoia toda a produção para um restaurante no Rio de Janeiro. Além disso, algumas agências tem surgido no município e criam outros roteiros ali na região, entretanto é possível pontuarmos isso como uma possibilidade para surgimento de conflitos, afinal em grande parte das vezes a filosofia dessas agências é diferente do turismo solidário e eles acabam trabalhando para construção de um espaço a partir da criação de cenários e acabam vendendo uma “falsa” imagem do local.

O fundo do turismo solidário que parecia até uma utopia tem ganhado forças, funciona como um programa onde o turista deixa um valor sugerido de R\$2,00 para que o Convention Visitors Bureau⁴ fomenta o turismo na cidade, na última vivência que fizemos em Santa Rita o fundo contribuiu com um valor simbólico de R\$100,00 que foram deixados com os moradores e um importante restaurante da cidade deixou exposto no caixa a imagem conforme a Figura 23.

⁴**Convention & Visitors Bureau** é uma organização de instituições que promovem o turismo e a receptividade de uma cidade ou localidade para convenções e visitações de eventos e atrações diversas.

Figura 25: Fundo Solidário



Fonte: Fortunato, 2016

Essas atividades ressaltam a importância do trabalho com os vínculos, criando redes dentro e fora do local onde acontecem as vivências e essas redes aconteceram de forma unificada com base no turismo solidário pode fazer toda a diferença para o desenvolvimento do local. Santa Rita não é só turismo rural, tampouco apenas turismo solidário, é a união de diversas vertentes que vão além dos 6V's, mas isso resalta também a importância dessa filosofia que permite que os moradores tenham mais acesso a informações a respeito do turismo e os deixam livre para usufruírem desse conteúdo da maneira que acreditam. Isso é tão importante que no momento da chegada de uma empresa que especule o local ou até mesmo de turistas, eles possuam ferramentas para dizer em qual tipo de turismo interessa para eles.

O estudo procurou analisar o espaço rural e o turismo dando ênfase ao turismo solidário como uma ferramenta de planejamento. A pesquisa sobre o assunto é importante, pois de início já temos um forte embate em conceituar o rural brasileiro e colocar em pauta o turismo solidário é dar voz e abrir possibilidades para novas formas de se fazer turismo e por isso a sugestão de planejar com essa filosofia e metodologia.

Os resultados mais importantes do estudo estão na compreensão do espaço rural como algo plural e trazer essa pluralidade para as pessoas que ali vivem. Uma possibilidade em pluriativizar o espaço é o turismo, uma atividade que deve ser planejada e ser realizada com novas abordagens, por isso o turismo solidário é o pilar principal do estudo e traz respostas inusitadas como demonstrado nas falas principalmente dos turistas. Passamos a entender que o resultado do turismo solidário são as pessoas e que o turismo tem que caminhar para uma atividade de união e cooperação, assim como observamos nas vivências em que turistas participam do plantio, colheita e realizam o próprio almoço.

Mais importante que assistir o lugar para onde viajamos é ter contato com o outro e se colocar como protagonista do local, fazer a diferença, atuar no desenvolvimento, criando seu próprio espaço de lazer, o turismo não pode ser mais um simples predador, o turismo tem por si só uma vocação humanitária, de trocas, conhecimento, cultura... O homem é que agora precisa atuar junto com o turismo e fazer acontecer o turismo solidário que pode também surgir com outros nomes, mas sempre manifestando a importância do outro.

Esse estudo é ainda uma pequena visão do que é o turismo solidário e de como um planejamento pode ser realizado, porém é necessário ainda que outros pensadores se desdobrem sobre essas questões e que mais estudos sejam realizados a fim de demonstrar que a ferramenta de planejamento proposta no estudo seja eficaz. O trabalho está no início, acredito que daqui alguns anos teremos mais resultados a respeito do turismo solidário no espaço rural de Santa Rita e de outras localidades.

REFERÊNCIAS

- AGAPITO, L. et al. **Um contributo do marketing sensorial para o marketing da experiência turística rural**. Portugal: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Vol. 12 N.º 3. Special Issue. Págs. 611-621, 2014.
- ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UnB, 2007.
- BOULLON, R. **Ecoturismo - Sistemas naturales y urbanos**. Buenos Aires: Librerías turísticas, 1993.
- BRASIL, Lei 11.326, de 24 de Julho de 2006. **Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais**. Diário Oficial da União, dia 25/07/2006.
- BRASIL, Lei 9.985, de 18 de julho de 2000. **Institui o sistema nacional de unidades de conservação da Natureza e dá outras providências**. Diário Oficial da União, dia 19/07/2000.
- CAMARGO, L. **A pesquisa em hospitalidade**. Revista Hospitalidade. São Paulo, ano V, n. 2, p. 15-51, 2008.
- CARNEIRO, M. **Ruralidade: novas identidades em construção**. Rio de Janeiro: Ufrj, 1998. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/135>>. Acesso em: 02 ago. 2017.
- CASTRO, C.; FORTUNATO, R. **Redes populares de turismo e experiências de mapeamento participativo: atuação da Rede Brasilidade Solidária em Teresópolis (RJ)**. Rio de Janeiro: Revista Continentes (ufrj), Ano 3, N.5, 2014.
- COSTALLAT, B. **Relatório apresentado ao vice presidente da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894.
- FERNANDES, I. **Planejamento e organização do turismo: uma abordagem desenvolvimentista com responsabilidade social e ambiental**. 1.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- FORTUNATO, R. **Os Significados do turismo comunitário indígena sob a perspectiva do desenvolvimento local: O caso da reserva de desenvolvimento sustentável do Tupé (AM)**. CULTUR-Revista de Cultura e Turismo, v. 5, n. 2, p. 85-100, 2015.
- FORTUNATO, R.; NEFFA, E. **Turismo em favelas cariocas: potencialidades de práticas de Educação Ambiental não formal para superação de problemas socioambientais locais**. AMBIENTE & EDUCAÇÃO-Revista de Educação Ambiental, v. 15, n. 2, p. 251-266, 2011.
- FORTUNATO, R.; SILVA, L. **Os conflitos em torno do turismo comunitário na Prainha do Canto Verde (CE)**. Revista Brasileira de ecoturismo, São paulo, v. 6, n. 1, 2013.

FORTUNATO, R. **O turismo solidário e a redescção social no Vale do Jequitinhonha-MG**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado Uerj, 2011.

FORTUNATO, R.; NEFFA, E. **O sociambientalismo e o turismo solidário no Complexo do Alemão (RJ)**. Revista Brasileira de Ecoturismo, SãoPualo, v.7, n.1, p. 67-85, 2014.

FORTUNATO, R.; NEFFA, E. **Abordagem Complexa e Desenvolvimento Local por meio do Turismo Solidário: o caso da rede “Brasilidade Solidária”**. Rio de Janeiro: Turismo em Análise, V.5 N.1, 2014.

FORTUNATO, R.; NEFFA, E.; MIRANDA, M. **Potencialidades das visitas técnicas para o desenvolvimento de competências: o caso da horta comunitária do morro da coroa**. AMBIENTE & EDUCAÇÃO-Revista de Educação Ambiental, v. 17, n. 1, p. 29-45, 2012.

FORO INTERNACIONAL DE TURISMO. **FITS**. Barcelona: Revista Mientras Tanto, 2006.

GIULIANI, G. **Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos**. Revista brasileira de ciências sociais, v. 14, p. 59-67, 1990.

GRAÇA, J. **Turismo e mundo rural: que sustentabilidade**. In: RODRIGUES, Adyr– Balastrieri (Org.) Turismo Rural: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto. 2001.

GUZMÁN, T. et. al. **Turismo Solidario: uma perspectiva desde laUniónEuropea**. Gestión Turística, n.8, ISSN 0717, p.85-104, 2007.

HOERNER, J. **Geopolítica do turismo**. 1.ed. São Paulo: Senac, 2011.

INCRA/FAO. **Perfil da Agricultura Familiar no Brasil: dossiê estatístico**. Brasília, 1996
Novo Retrato da Agricultura: o Brasil redescoberto. Brasília: MDA, 2000

INCRA. **Livro branco das superindenações**. Brasília: Incra, 2014. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/servicos/publicacoes/livros-revistas-e-cartilhas/file/489-livro-branco-das-superindenizacoes>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

KLEIN, A.; SOUZA, M. **Turismo rural pedagógico sob a perspectiva da multifuncionalidade da agricultura: experiências no sul do Brasil**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v.12, n.3, p. 581-595, 2014.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LIMA, F. et.al. **Turismo rural e agricultura familiar de base agroecológica: uma experiência no município de Abreu de Lima – PE**. Pernambuco: v.10, n.10, p. 2311-2317, 2012.

MACHADO, A; CAUME, D. **Multifuncionalidade e pluriatividade como alternativas de desenvolvimento da agricultura familiar no brasil.** Goiania: Sober, 2008. Disponível em: <<https://ideas.repec.org/p/ags/sbrfsr/108090.html>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

MARAFON, Gláucio José. **Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense.** Minas Gerais: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, V. 1, N. 1, P. 17-60, 2006.

MATTEI, L. **A relevância da família como unidade de análise nos estudos sobre pluriatividade.** Rio de Janeiro: Rer, Rio de Janeiro, Vol. 45, Nº 04, P. 1055-1073, 2007.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva.** Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia.**v. II. São Paulo : Edusp

MENDONÇA, C. et al. **Turismo no espaço rural: debate e tendência.** Disponível em: <<http://dae2.ufla.br/revista2002.htm>>. Acesso em: 12, outubro., 2016.

MIELKE, E. **Desenvolvimento turístico de base comunitária.** 1.ed. Campinas: Alínea, 2009.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo rural: orientações básicas.** 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

NETTO, A. et al. **Turismo de experiência.** 1.ed. São Paulo: Senac, 2010.

NETTO, A.; TRIGO, L. **Cenários do turismo brasileiro.** 1.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

NOVAIS, M. **Turismo Rural em Santa Catarina.** Turismo em Análise, CRP/ECA/USP, São Paulo, v.5, n.2, p.45-50, nov.1994

PORTO, C. **Transformação espacial por meio da agroecologia x diversificação: agricultura, comércio, agroindústria e turismo.** Rio Grande do Sul, Boletim Gaúcho de Geografia, n.39, p. 141-158, 2012.

RODRIGUES, A. **Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia.** 1.ed. Bauru: Edusc, 2000.

RODRIGUES, B. **Turismo e desenvolvimento local.** São Paulo: Hucitec, 1997, p.43-136.

RUSCHMANN Consultores de turismo et al. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no brasil.** Brasília: Plano Nacional de Turismo, 2003 - 2007, 2003.

SAMPAIO, C.; CORIOLANO, L. **Dialogando com experiências vivenciadas em marraquech e america latina para compreensão do turismo comunitário e solidário.** Santa Catarina: Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. V. 3, N. 1, P. 4-24, 2009.

SCHNEIDER, S. et al. **A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Ufrgs, 2006.

SCHNEIDER, S. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**. Porto Alegre: Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 18 N°. 51, 2003.

SOUZA, R.; SANTOS, E.; THOMÉ-ORTIZ, H. **O turismo no espaço rural como atividade complementar de geração de renda e ocupação não agrícola no Corede das Hortênsias do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil**. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.171-186, abr. 2017

TEIXEIRA, E. **Gestão de qualidade em destinos turísticos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

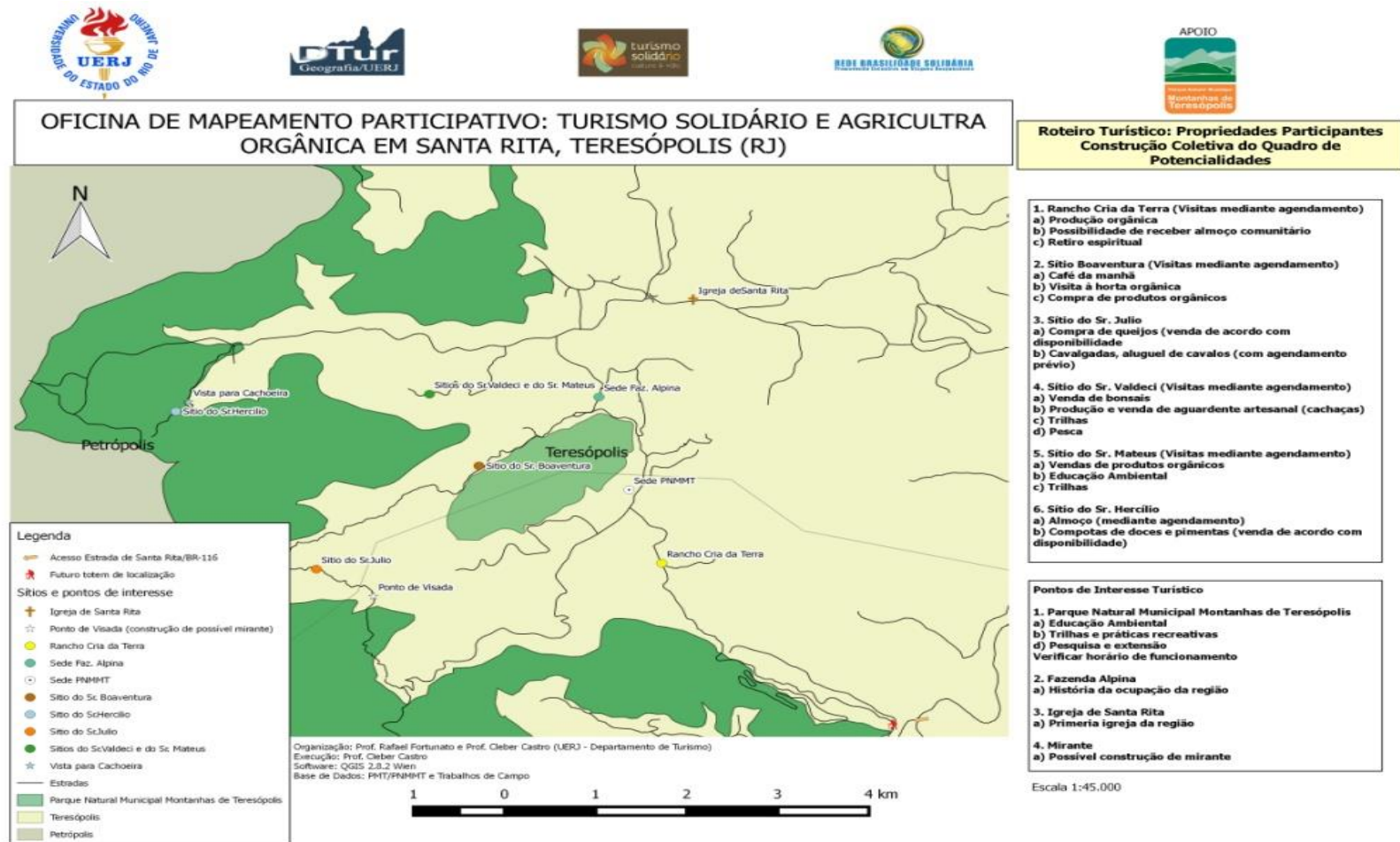
THOREAU, H. **Walden ou a vida nos bosques**. 6.ed. São Paulo: Aquariana, 2001.

TRIGUEIRO, C.; NASCIMENTO, L. **Turismo rural como diferencial competitivo: potencialidades no município de Ceará – Mirim/RN**. Global Tourism, v.3, n.1. 2007.

TULIK, O. **turismo e desenvolvimento no espaço rural: abordagens conceituais e tipologias**. Sao Paulo: Manole, 2010.

VEIGA, J. E. da et al. **O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. Série textos para discussão n° 1. Brasília: Convênio FIPE – IICA (MDA/ CNDRS/Nead), 2001.

Anexo A – Mapa Santa Rita



ANEXO B

Formato do curso:

Turismo Solidário

Introdução: O curso é uma parte inicial para aplicação do fundo de Turismo Solidário e visa informar e desenvolver os moradores locais para executarem ainda que de maneira orgânica as atividades do turismo.

Objetivo: Orientar através da educação os moradores a respeito do turismo.

Entendemos hoje que o turismo pode ser uma atividade muito positiva e benéfica, mas pode também ser perversa, por isso a importância de informar às famílias, levando conhecimento para trabalharem com essa atividade.

Metodologia: O curso funcionará de forma “itinerante”, vamos até as casas das famílias ou podemos também reuni-las em um local pré-determinado, a depender das condições da região a ser trabalhada. O curso abordará alguns casos para exemplificar de modo claro e objetivo quais podem ser as consequências do turismo e como podemos trabalhar com os 6V’s do Turismo Solidário buscando alcançar de maneira planejada o desejo dos autóctones.

O curso será realizado em dois dias:

O 1º dia será para ir à casa dos moradores e ter uma conversa com eles a respeito do turismo e do que eles pensam a respeito. Deixaremos como tarefa que eles analisem e reflitam sobre o espaço, com o que gostariam de trabalhar, quais produtos podem vender e o que acreditam que possam oferecer aos turistas, essa atividade deve ser realizada num período de até 15 dias.

No segundo encontro vamos marcar um local para que todos se conheçam e analisemos juntos as tarefas, para efetivamente iniciarmos o trabalho de desenvolvimento.

Justificativa: Nota-se em diversas regiões como o turismo chegou repentinamente e mudou totalmente a rotina e a fonte de renda das famílias, descaracterizando os lugares, a cultura e todo um modo de viver. O Turismo Solidário surge com uma proposta diferente e com intuito de modificar resultados “negativos” como esses; mesmo sendo o turismo solidário um “desenvolvimento orgânico” da região, surge a ideia de apresentar para essas pessoas o cuidado e toda atenção que devem ter ao trabalhar com turismo sem deixar de lado as características mais importantes que devem permanecer “enraizadas” no local.